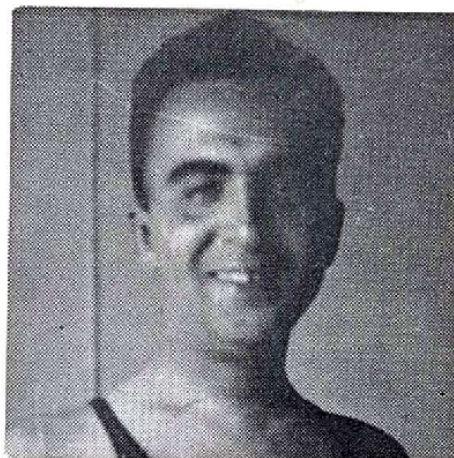


FERNANDO CABRITA

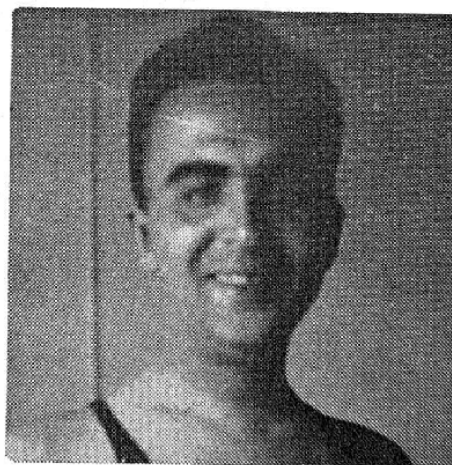
ANTÓNIO HENRIQUE CABRITA
NADADOR PRESTIGIADO



ALGARVE 1983

FERNANDO CABRITA

ANTÓNIO HENRIQUE CABRITA
NADADOR PRESTIGIADO



ALGARVE 1983

E certo que nem tudo o que um homem faz durante a sua existência merece perdurar na memória dos outros homens. Mas não é menos certo que factos existem que, dignos do reconhecimento e do aplauso das gerações posteriores, se quedam no esquecimento colectivo.

Dizia já não sei quem, e com relativa razão e piada, que um homem que só sabe gabar os seus antepassados pertence a uma família que é melhor morta do que viva. Digo, porém, com *relativa* razão, porque considero um dever rememorar acontecimentos e figuras passadas quando tais factos e figuras são significativas e determinantes para o conhecimento de uma época e de uma personalidade e podem constituir exemplo para quem os quizer aproveitar.

* * *

São conhecidas, porque mais recentes, as qualidades de António Henrique Cabrita como filólogo, estudioso e defensor da Língua Portuguesa. São, todavia, do conhecimento apenas de alguns — os seus companheiros de natção que ainda vivem e, provavelmente, aquelas pessoas que ele salvou do afogamento — essa sua actividade mais antiga de nadador, desportista e salvador de vidas, actividade que tanto prestígio e reconhecimento trouxe, nas décadas de 30 e 40, a ele, António Henrique Cabrita, e aos Clubes que representou.

* * *

Estou a olhar para uma fotografia datada de 1924. Trata-se de um grupo de homens dos seus vinte e poucos anos (de entre os quais julgo apenas reconhecer Domingos Lopes, felizmente vivo). Entre eles, um miúdo, na altura com onze anos: António Henrique Cabrita.

Dizia-me Domingos Lopes, no dia do funeral de António Henrique Cabrita:

«O teu pai começou a acompanhar connosco desde moço pequeno. Nós éramos uns dez ou doze anos mais velhos do que ele e costumávamos juntar-nos para nadar aqui na Ria. O teu pai ia sempre com a gente e nadava já nessa altura, ainda miúdo, tão bem como qualquer de nós. Lembro-me que um dia fomos nadando até à Ilha do Coco. Alguns quiseram ficar ali a descansar, mas eu e outro resolvemos ir até à Ilha da Culatra. Fomos até à costa, no Coco, e depois começámos a nadar em direcção à Culatra. Quando reparámos, estava o teu pai — devia ter aí uns dez, onze anos — a nadar ao nosso lado, já a meio caminho entre o Coco e a Culatra.

Quem não gostava muito disso era a tua avó, a Ama Rosa, que de vez em quando lá ia esperá-lo à doca e levava-o para casa por uma orelha.»

* * *

O contacto de António Henrique Cabrita com o mar começou cedo. Integrado neste grupo, do qual era uma espécie de «mascote», ou sózinho, aí estava ele constantemente a correr a Ria, em braçadas vigorosas, de Olhão à Armona ou ao Coco, da doca ao Farol, do Coco à Culatra.

Não admira, por isso, que o Clube Desportivo Marítimo Olhanense, o mais forte e prestigiado clube náutico algarvio da época e que dispunha de várias equipas de

natação, de vela e de water-polo, tenha integrado na sua equipa principal o jovem Cabrita.

Franzino, de estatura baixa, é António Henrique Cabrita, um moço de 17 anos, enviado em Setembro de 1930, como representante do Marítimo Olhanense, ao Campeonato do Algarve de Natação que se disputava em Faro.

Abílio Gouveia, que se deslocou de Olhão para assistir às provas, recordou, há coisa de coisa de ano e meio, em conversa com António Henrique Cabrita:

«Lembras-te do Campeonato do Algarve? Quando vocês foram para os lugares de partida a assistência perguntava: «Quem é aquele moço pequeno que está ali? Coitado, a concorrer com os outros...»

Estavam lá o Cunha, o Renato Graça, os Serranos, a fina flor da natação algarvia, tudo tipos altos e musculosos e tu ali, no meio deles, pequenino.»

Era a partida da prova dos 200 metros bruços. O público ainda olhava, com certa pena, aquele rapazinho que aparecia, desconhecido, entre nadadores de gabarito.

Voltemos às recordações de Abílio Gouveia:

«Aos primeiros 100 metros já tinhas deixado toda a gente para trás. Ias a uma velocidade que, primeiro, deixou o público admirado e, depois, entusiasmado, a bater palmas e a incitar-te à medida que ias ganhando cada vez mais avanço sobre os outros.»

António Henrique Cabrita não só venceu a prova com destacado avanço, como fez mesmo mais: estabeleceu um novo recorde para a mesma.

Transcrevo um exerto da notícia publicada a esse respeito no «Correio Olhanense» de 20 de Setembro de 1930:

«Disputou-se, no passado domingo, em Faro, o Campeonato do Algarve de natação, a mais importante prova desta modalidade que se efectua na nossa provincia.

A organização da prova pertenceu, como em anos anteriores, ao Ginásio Clube Naval, de Faro, sendo instituídas medalhas de prata para os dois primeiros classificados.

Foram concorrentes os clubes que mais têm pugnado pelo desenvolvimento da natação no Algarve: Ginásio Clube Naval, de Faro; Clube Desportivo Marítimo Olhanense, de Olhão; Tavira Ginásio Clube, de Tavira; e Sport Lisboa e Lagos, de Lagos.

As provas, que se disputaram na doca daquela cidade e que tiveram a presença das algumas centenas de aficionados, decorreram na melhor ordem, sendo os seus resultados os seguintes:

(...relatam-se os resultados dos 400 e 100 metros livres...)

200 metros bruços:

1.º António Henrique Cabrita (C. D. M. O.) — 3 m. e 34 s.

2.º Joaquim Machado (G. C. N.)

3.º Edmundo Cunha (G. C. N.)

Foi esta uma das provas que mais entusiasmo despertou. É digno de registo o colossal esforço dispendido pelo representante do Marítimo, que num estilo admirável conseguiu fazer uma bela prova, fazendo baixar o record da mesma.

O jovem nadador olhanense — o mais novo de todos os concorrentes que se apresentaram no domingo, em Faro — não deve adormecer sobre os louros colhidos, fazendo por melhorar o seu tempo, para o que é necessário não descuidar os treinos.»

O facto foi de tal modo admirável para a época e para a região, que em 1945 (quinze anos depois) ainda era António Henrique Cabrita o detentor do título de campeão do Algarve nos 200 metros bruços e recordista regional desse estilo.

O antecessor do «Mundo Desportivo» — os «Sports» —, noticiava na sua edição de 9 de Fevereiro de 1945 sob o título:

«ANTÓNIO HENRIQUE CABRITA»

«O nosso prezado amigo e dedicado adepto da Tertúlia-da-Recta Pronúncia, Sr. António Henrique Cabrita, foi recentemente eleito secretário geral do Sporting Clube Olhanense.

O ilustre tertulianista é um desportista convicto e praticante. Chegou mesmo a

«campeão», pois obteve um título regional em natação, o de 200 metros bruços. Supomos que é ainda o recordista algarvio da prova.»

A partir de 1930, o nome de António Henrique Cabrita aparece em quase todas as provas de natação disputadas no Algarve: nas Festas Náuticas de Tavira, na subida do rio Gilão, nas corridas em Olhão, etc., qualificando-se sempre e à sua equipa em lugares destacados.

Em Abril de 1936, surge integrando a selecção da Faculdade de Letras de Lisboa nos Campeonatos Universitários desse ano, provas desportivas que reuniam as diversas Faculdades e de onde saíram desportistas de nome na época, tais como Martins Vieira, António Rendas, Stucky, Sousa Guerra e outros.

Mas a actividade de António Henrique Cabrita, como nadador, não se limitou apenas à prática desportiva. Fazendo uso das suas excelentes faculdades, várias vezes salvou do afogamento quantos, por azar ou por incúria, se debatiam, aflitos e à sua vista, com as ondas, as correntes ou as tempestades.

A visão de uma vida humana em risco de perder-se fazia-o esquecer a sua própria segurança e levava-o a enfrentar o mar, por vezes em difíceis e perigosas condições (como no caso do «gasolina» da Alfândega, que adiante se referirá).

Os seus gestos, que na linguagem dos jornais eram designados por «destemidos», «rasgos de audácia», «bravura» ou «abnegação», eram apenas ditados pela sua profunda humanidade e pelo respeito que nutria pela vida do seu semelhante. Nesses momentos, apenas contavam as vidas que havia a salvar; os perigos, os riscos, tudo isso era esquecido em favor desse sentimento maior e por vezes difícil de definir: a solidariedade.

O «Século» de 6 de Setembro de 1933, noticiava assim um dos diversos salvamentos:

«TRÊS PESSOAS ARREBATADAS À MORTE»

Olhão S. C. — Ontem, às 18 e 30, quando uma rapariga de 18 anos e um rapaz de 19 da Freguesia de Moncarapacho tomavam banho na ria de Marim, faltou-lhes o pé e foram arrastados pela corrente. Na ânsia de alcançarem terra, apanharam-se um ao outro, submergindo-se ambos. Nessa ocasião, o Sr. António Henrique Cabrita, de 18 anos, que se encontrava próximo do local, ao ouvir os gritos de socorro de algumas pessoas que se encontravam na praia, lançou-se à água e conseguiu, depois de bastantes esforços, trazer para terra os dois banhistas, pelo que foi muito felicitado.

À noite, no casino, realizou-se uma festa de homenagem ao Sr. Cabrita, tendo exaltado o seu acto heroico o Sr. Arnaldo Martins de Brito. As senhoras ofereceram ao homenageado dois ramos de flores.»

Um aspecto curioso, e que de certo modo define a personalidade de António Henrique Cabrita, é o da sua humildade. O acto de agradecimento que a notícia acima descreve, onde o nadador olhanense foi homenageado pela sua coragem, constitui uma excepção, pois normalmente (e isso ver-se-á pelas transcrições que se irão fazendo ao longo deste trabalho) António Henrique Cabrita afastava-se do local após os salvamentos, evitando os elogios e recusando assumir o papel de «herói» ou de centro das atenções. Até às sessões públicas levadas a cabo por organismos oficiais ou colectividades, para atribuir-lhe medalhas ou louvar-lhe a coragem, António Henrique Cabrita faltava, declinando os convites que lhe eram feitos, pois pautava o seu comportamento em função do espírito de evitar agradecimentos e louvores por actos que considerava serem obrigatórios para qualquer ser humano confrontado com a aflicção de um seu semelhante.

O «Diário de Notícias» de 25 de Agosto de 1940 noticiava:

ACTO DE ABNEGAÇÃO

OLHÃO, 22 — O Sr. Henrique Cabrita, de 26 anos, salvou de morrer afogada, atirando-se destemidamente ao mar, a serviçal Ana Maria de 19 anos, que tomava banho em frente da Ilha do Farol.

Suponho que este salvamento é o mesmo a que se referiu um emigrante português radicado em Munique, Alemanha, em carta que escreveu para o Sporting Olhanense pouco depois do falecimento de António Henrique Cabrita. Nessa carta, onde lamentava o desaparecimento de mais um olhanense de valor e propunha que fosse dado o seu nome a uma rua de Olhão, esse emigrante — Ladislau Borges, salvo erro — contava que, há uns bons quarenta anos (altura em que estivera em Olhão) assistira a um salvamento praticado por António Henrique Cabrita, na Ilha do Farol, a uma jovem rapariga que, arrastada pela corrente, estava em risco de perecer. E realçava a humildade do nadador olhanense, referindo que, assim que trouxe para a praia a descuidada banhista e a deixou entregue aos cuidados das muitas pessoas que se juntaram, António Henrique Cabrita afastou-se do local, evitando os agradecimentos e os louvores de quantos presenciaram a sua atitude.

Na mesma linha de comportamento, não comparecia — ainda que repetidamente solicitado — às sessões solenes que o Grupo de Propaganda da Natação, do Porto, organizava para louvar e premiar os nadadores que arriscavam a sua vida em prol do semelhante.

Em 2 de Janeiro de 1941, recebia António Cabrita, do G. P. N. do Porto, a seguinte solicitação :

«Exmo. Senhor :

Realiza este Grupo, em 11 de Janeiro de 1941, na Sede do Clube Fluvial Portuense, na Rua do mesmo nome, pelas 21 e 30 horas precisas, uma Sessão Solene para distribuição de prémios a todas as pessoas que, com risco da própria vida salvaram o seu semelhante de morrer afogado.

Pretendendo este Grupo dar a esse acto o maior brilhantismo, rogamos o favor da sua comparência, fazendo-se acompanhar da medalha que oportunamente lhe foi entregue.»

António Henrique Cabrita amavelmente declinou o convite que lhe era dirigido, pelo que, dias depois, o G. P. N. voltava a escrever-lhe informando-o de que, no acto, a sua representação seria confiada a António Coelho, Secretário do Grupo de Propaganda da Natação e que o Grupo conferia a António Cabrita uma medalha a premiar os seus actos de salvamento.

Por mais três vezes voltou o G. P. N. a convocar António Henrique Cabrita para outras tantas sessões. Por mais três vezes se escusou o nadador olhanense, recebendo pelo correio as medalhas que lhe eram atribuídas e evitando desse modo a sua participação em actos em que seria a figura principal e o alvo das atenções.

O mês de Janeiro de 1941 foi de intensa actividade para António Henrique Cabrita no que respeita a salvamentos.

Para além da já referida sessão de louvor que lhe foi organizada pelo G. P. N. em 11 de Janeiro, era-lhe atribuída em 13 do mesmo mês (apenas dois dias depois, portanto) uma outra medalha «(...) por ter salvo dos perigos da água o Sr. Joaquim Santana Sabino Domingues.»

Mas é na noite de 20 para 21 de Janeiro desse ano que António Henrique Cabrita vai realizar um dos mais audaciosos salvamentos da sua carreira, acompanhado por outros corajosos olhanenses. Foi durante o naufrágio do «Castillo de Montebran» e a história, em traços largos, é a seguinte: Frente a Olhão, à entrada da barra, o «gasolina» da alfândega que recolhia os naufragos do navio espanhol foi, por sua vez, apanhado pelo ciclone que assolava a zona. A tempestade e o vendaval que se havia desencadeado e que causaram o naufrágio do «Castillo de Montebran» e o corte total da energia eléctrica em Olhão, recrudesceram de violência, repentinamente. É então que as tentativas de salvamento se sucedem.

O «gasolina» da Alfândega — salva-vidas «Almirante Gago Coutinho» — que tentava socorrer os naufragos espanhóis, foi atingido pela tempestade e posto em risco de se afundar.

Em seu socorro, saiu então outra embarcação, com os remadores João da Silva e Arlindo Pinto e o patrão João Pedro Gonçalves. O ciclone, que se deslocava em direcção a Olhão, surpreendeu estes três marítimos a meio-caminho.

O «gasolina», fora já do centro da tormenta, pôde então continuar a sua missão de salvamento dos espanhóis.

Ficava, todavia, em perigo grave a embarcação com o patrão João Pedro e os dois remadores, precisamente na altura em que o ciclone se tornava mais forte.

Os gritos dos três homens ouviam-se na muralha, por todas as pessoas — e muitas foram — que deixaram a segurança das suas casas e vieram para perto das praças, na expectativa dos acontecimentos.

Ninguém, porém, se atrevia a tentar auxiliá-los. Primeiro, porque nada se via — a luz tinha falhado por causa da tempestade — e só os gritos aflitivos serviam para indicar a presumível localização da embarcação em perigo; segundo, porque as vagas eram tão alterosas, o vento tão forte e os remoinhos tão frequentes que seria quase loucura querer enfrentar o mar naquelas condições.

Foi nessa altura que António Henrique Cabrita, Joaquim Lemos, Joaquim Bento e João da Silva, por entre os avisos dos que tentavam dissuadi-los de uma morte quase certa, embarcaram numa pequena lancha e foram socorrer os três companheiros aflitos. Rapidamente desapareceram também da vista da multidão que se encontrava nas rampas e no cais, perto das praças.

Quando, um bocado largo depois, já toda a gente os supunha perdidos, porque entretanto os gritos se tinham deixado de ouvir, eis que a pequena lancha surge perto da muralha, trazendo os quatro salvadores e os três naufragos, todos completamente encharcados e lutando duramente com a corrente, o vento e as ondas que, a cada subida, ameaçavam voltar a lancha ou esmagá-la, com os seus ocupantes, de encontro ao cais.

O salvamento, não obstante os riscos corridos, foi realizado sem que uma única vida se perdesse.

Mas deixemos que os documentos da época contem os acontecimentos.

Noticiava um diário de 22 de Janeiro de 1941 :

«Olhão — Esteve em perigo o gasolina da Alfândega. Em seu socorro partiram numa pequena embarcação, o patrão João Pedro Gonçalves e os remadores João da Silva e Arlindo Pinto. A dedicação destes homens ia-lhes saindo cara. A água quasi que os tragou. A certa altura, impotentes para lutarem, pediram, em gritos, que os salvassem.

Ninguém se atrevia a auxiliá-las, por via da escuridão. De repente, num rasgo audacioso, saltaram para uma pequena lancha Joaquim Lemos, Joaquim Bento e João da Silva, jovens marítimos, e o sr. António Henrique Cabrita, aluno do 4.º ano da Faculdade de Letras de Lisboa. O atrevimento dos rapazes causou a maior admiração e, mais ainda quando eles, pouco depois e após luta titânica com a água, conseguiram trazer para o cais os três infelizes.

Com este salvamento, foi a sétima vez que o aludido estudante roubou vidas ao mar. Lágrimas e sorrisos acolheram os quatro bravos, que evitaram os agradecimentos motivados pela sua coragem.»

O «Século» de 24 de Janeiro desse ano, sob o título «RASGOS DE AUDÁCIA E DE VALENTIA DURANTE O SALVAMENTO DOS TRIPULANTES DO CASTILLO DE MONTEBRAN», publicava fotografias de seis dos envolvidos no salvamento (entre as quais, a de António Henrique Cabrita) e expunha assim o sucedido :

«OLHÃO, 23 — A larga reportagem do naufrágio do «Castillo Montebren» publicada no Século foi aqui muito apreciada. Tal como sucedeu ontem, a larga remessa do nosso jornal esgotou-se duas horas depois de aqui chegar.

A tripulação do salva-vidas «Almirante Gago Coutinho», que tão valentemente se portou no salvamento dos naufragos do navio espanhol, tem merecido entusiásticos aplausos de toda a gente, em especial da classe marítima.

Os tripulantes José Joaquim Rocha, motorista, nosso correspondente na vila do cabo de Santa Maria; Joaquim Casaca, Joaquim Bentes Casaca, José Pedro e outros correram, por várias vezes, sérios riscos de vida, mas nunca desistiram da sua heróica e humana faina.

Justo elogio merecem igualmente os três jovens marítimos Joaquim Lemos — que conta já quatro salvamentos — Joaquim Bento e João Silva e o estudante do 4.º ano da Faculdade de Letras de Lisboa, Sr. António Henrique Cabrita.

Os valorosos e destemidos rapazes, ao verem que o «gasolina» da Alfândega es-

tava em perigo, saltaram para uma lancha e, indiferentes ao grande perigo que corriam, foram salvar os três tripulantes do pequeno barco.

O comandante da Secção da Guarda Fiscal nesta vila, Sr. Isidoro da Palma, também prestou óptimos serviços, assim como outras autoridades — na noite em que se deu o sinistro.

O temporal continua com grande violência e o «Castillo Montebran» está, agora, em perigosa situação, atravessado para o Sul, muito adornado e metendo água.»

E em 25 de Janeiro, a Alfândega de Lisboa enviava a António Henrique Cabrita a seguinte carta :

«Exmo. Senhor :

Tendo comunicado superiormente os factos ocorridos na noite de 20 do corrente, em que, por virtude do temporal, estiveram em perigo as vidas de um patrão e de um remador, em serviço desta Delegação e, bem assim, o auxílio que V. Ex.^a se dignou prestar nos socorros que foi necessário enviar-lhes, o Exmo. Director desta Alfândega determinou que vos manifestasse o muito apreço em que tomou a vossa atitude, apresentando-vos os seus agradecimentos.»

Este salvamento constituiu, sem dúvida, o mais louvável e o mais arrojado de todos quantos António Henrique Cabrita levou a cabo.

Mas, outros mais, foram por ele realizados, sózinho ou acompanhado de outros valentes, homens para quem o desejo de salvar uma vida em perigo era mais forte do que o temor do mar e das tempestades.

Entre 1941 e 1947, não encontrei referências a salvamentos efectuados pelo nadador olhanense, a não ser um cartão de visita enviado entre 1943/1944, por um antigo aluno da Faculdade de Letras de Lisboa desejando «ao meu colega António Henrique Cabrita sinceros parabéns pelo seu acto heroico». Referia-se certamente, este seu colega de estudos, a mais um acto de bravura de António Henrique Cabrita por ter salvo qualquer seu semelhante — quiçá, mesmo, o colega que lhe enviava o cartão — de morrer afogado.

Mas, a 3 de Julho de 1947, novo salvamento era efectuado e, no dia seguinte o «Comércio do Porto» sob o título «Naufrágio aparatoso mas sem consequências graves», e o Diário de Notícias com o título «Afundou-se um barco que abalroou com outro», referiam-se ao abalroamento de um pequeno charuto pelo galeão de pesca «Senhora da Conceição», frente à Ilha da Culatra e ao papel que António Henrique Cabrita desempenhou no salvamento e recolha do tripulante do charuto «(...) o Sr. João José Bonança Relvas, de 17 anos, filho do industrial de sapataria A. Relvas (...)». Segundo aqueles jornais, António Henrique Cabrita — que seguia para a ilha do Farol num outro barco com Sezinando Ribeiro Horta e Miguel Sales Socorro — «conseguiu chegar a tempo de salvar e recolher a bordo o naufrago».

CONCLUSÃO

Os Romanos diziam, quando queriam exprimir o seu desprezo por alguém: — Não se dedica às letras nem sabe nadar!

De António Henrique Cabrita muita gente sabia (porque essa era a sua mais recente e última actividade) que se dedicava às letras, pugnando pela defesa, conservação e prestígio da língua portuguesa.

Mas o que muitos ignoravam era esta sua faceta de nadador e de nadador prestigiado, que aliava aos seus dotes de desportista o imperativo categórico de solidariedade humana, pondo a sua vida em risco para que outros tivessem a oportunidade de viver.

Dar a conhecer essa característica de António Henrique Cabrita, foi o que motivou este trabalho e esta recolha.

Olhão, 1983.

Composto e impresso nas oficinas da
Empresa Litográfica do Sul, S. A. R. L.
Telefs. 44161 e 44162 - Apartado 28
8901 Vila Real de Santo António
— 500 exemplares — 9/83 —

SEPARATAS DE «A VOZ DE OLHÃO»

1 — A luta contra os franceses à Ponte de Quelfes por
Fernandes Mascarenhas

2 — A Imprensa Periódica no Concelho de Olhão por
Antero Nobre

3 — António Henrique Cabrita, nadador prestigiado por
Fernando Cabrita